

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de História

5.0

A Campanha "De Pé no Chão Também se
Aprende a Ler" (1961-1964)



Lucimar Lima

Natal/RN

A Campanha " De Pé no Chão Também se
Aprende a Ler" (1961- 1964)



Lucimar Lima

A Campanha "De pé no Chão Também se
Aprende a Ler"(1961-1964).

Monografia apresentada à disciplina
Prática de Pesquisa Histórica II do
curso de História-Licenciatura e
Bacharelado, da Universidade Fe-
deral do Rio Grande do Norte, sob a
orientação do professor Wicliffe de
Andrade Costa.

Natal/1995.

LISTA DE ABREVIATURAS

AP	- Ação Popular
CCP	- Centro de Cultura Popular
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
IPM	- Inquérito Policial Militar
JUC	- Juventude Universitária Católica
MCP	- Movimento de Cultura Popular
MEC	- <u>Ministério</u> da Educação e Cultura
PCB	- Partido Comunista Brasileiro
PNA	- Programa Nacional de Alfabetização
SUDENE	- Superintendência de desenvolvimento do Nordeste
UNE	- União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1 - Introdução	5
2 - Situação Política-Sócio - econômica nos anos 60	6
- 2.1 No Brasil	6
- 2.2 No Nordeste	9
-	
- 2.3 No Rio Grande do Norte	10
3 - Os movimentos de alfabetização e as campanhas populares	13
- 3.1 O Movimento de Cultura Popular	15
- 3.1.1 A Experiência de Paulo Freire	16
- 3.1.2 O Movimento de Educação de Base	17
- 3.2 A Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler	18
- 3.2.1 Surgimento	18
- 3.2.2 Objetivos	20
- 3.2.3 Caracterização	20
- 3.2.4 Término	25
4 - Conclusão	27
5 - Bibliografia	29

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a campanha "De pé no Chão Também se Aprende a Ler", um trabalho pioneiro de alfabetização popular desenvolvido no município de Natal durante a administração do prefeito Djalma Maranhão do início da década de 60, e teve seu final com o movimento de 31 de março 1964.

Primeiramente iremos observar as condições econômicas, políticas e sociais a nível nacional, regional e local que determinaram a origem, desenvolvimento e destruição desta experiência educacional popular. Para tanto se faz necessário retrocedermos um pouco no tempo.

Ao longo da pesquisa veremos se a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler cumpriu realmente com a sua proposta, e qual o processo utilizado para a formação de professores. Dispondo de alguns dados, haveria possibilidade de quantificar o seu crescimento, e a partir da ir, chegar a algumas conclusões.

Num momento em que o país atravessa acentuadas crises, principalmente na área de educação, é de fundamental importância resgatar estes movimentos que muito contribuíram para melhorar a situação daqueles que viviam à margem do processo educacional.

2. SITUAÇÃO POLITICA-SÓCIO - ECONÔMICA NOS ANOS 60

2. 1 - No Brasil

O início dos anos 60 caracterizou-se como um período de crise política, vinculada a crise econômica, provocando descontentamento nas classes sociais.

Para termos uma melhor compreensão desta situação precisamos voltar um pouco no tempo, mais precisamente à Era Kubistchek. Ao assumir a presidência da República, Kubistchek estabeleceu um plano ambicioso prometendo "cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo." De fato o Brasil teve um crescimento econômico real entre 1956 a 1960. Isso foi conseguido através do grande mercado-interno, e da grande capacidade na produção de ferro e aço e da vontade de empresários estrangeiros em fazer investimento no Brasil. Tal crescimento foi impulsionado pelo poder dinâmico do governo Kubistchek. (Skidmore: 1976. 159) .

Seu governo ficou marcado pela pais democrática, onde as liberdades individuais eram garantidas e o direito das pessoas de defenderem suas idéias, sem radicalismo. Quanto à classe trabalhadora, Kubistchek concedia aumentos generosos de salários. Os contatos com os sindicatos era feito através do vice-presidente João Goulart.

Em junho de 1959 Kubistchek rompeu com o FMI, abandonando o plano antiinflacionário. Nesse ano, ocorreram 65 greves, o que indicava uma crescente insatisfação do proletariado. No Nordeste intensificavam-se as atividades das ligas camponesas e dos sindicatos rurais, o que levou o governo a criar a SUDENE, para efetuar uma série de reformas no intuito de impedir que as lutas sociais se radicalizassem.

O jogo de forças políticas no governo Kubistchek penderam mais a favor da legalidade: PSD, PTB e comunistas, prestigiaram atos do seu governo, e parte do exército, como Lott, Odílio Dênis, Zenóbio e Amauri kruel, o ajudaram a manter a legalidade. Mesmo pontilhado profundamente por golpes, Juscelino Kubistchek se

manteve firmemente no poder. (Carone:1980.149).

Nas eleições presidenciais de 1960, saiu vitorioso Jânio Quadros, seu prestígio pessoal e o número de votos que obteve demonstrou a simpatia da maior parte das forças políticas até golpistas como Carlos Lacerda, Pena Boto, Eduardo Gomes etc.

Jânio enfrentou vários problemas como: inflação galopante e séria crise financeira. Sua política de austeridade: congelamento de salários, devalorização do cruzeiro, cortes de subsídios federais, provocaram um certo desencanto popular .

O fato mais significativo da gestão de Jânio foi a adoção de uma política externa independente, aproximando o Brasil dos países do bloco socialista, o que não agradou aos norte-americanos e seus aliados que não aceitaram os novos rumos da política exterior brasileira, fazendo severas críticas ao presidente.

Neste curto mandato (sete meses) em que a ação pessoal do presidente se intensificou, a oposição também acentuou-se na pessoa de Carlos Lacerda (Governador de Guanabara). Cada ato do presidente surpreendia os antigos grupos, entre outros os da Cruzada Democrática, das ligas anticomunistas e da UDN, até que a condecoração de Ché Guevara representou o último elo da crise. " crise esta de um governo aparentemente se apresenta como liberal e aberto, mas que nunca procurou apoio das forças populares e nacionalistas; e que por sua vez liga-se com os grupos conservadores e reacionários, que encontravam na popularidade de Jânio Quadros uma oportunidade de se

encastelarem no poder." (Carone:1980).

No dia 25 de agosto de 1961 Jânio Quadros lançou sua renúncia ao congresso que, de imediato, aceitou. Os motivos que levaram o presidente a tomar esta atitude, são até hoje objeto de discussão, não obstante se possa supor que Jânio acreditava na força de sua popularidade e pretendesse contar com ela para voltar ao poder.

Com a renúncia de Jânio, se deu um impasse entre os militares, que não aceitavam a posse de João Goulart, e aqueles que eram a favor do cumprimento da constituição. Paralelamente a essa divisão, a opinião pública se colocava a favor de João Goulart, mas a decisão cabia ao Congresso e este encontrou a saída na adoção do parlamentarismo. João Goulart tomou posse na presidência da República, a 7 de setembro de 1961. Para viabilizar seu governo, que enfrentava inflação, dívida externa e custo de vida crescente, além da instabilidade política que aumentava, o povo foi convocado para um plebiscito no dia 6 de janeiro de 1963 que descidiu a volta do presidencialismo.

Devido ao fracasso do plano trienal que havia sido criado para combater a inflação, e assegurar o desenvolvimento econômico, principalmente o industrial, o governo tentou concretizar as Reformas de Base (reforma agrária, política educacional bancária entre outras). Tais reformas provocaram muita agitação. Surgiram, no Nordeste as ligas camponesas, ocupando engenhos e atacando seus proprietários; no eixo São Paulo, os trabalhadores e seus sindicatos promoviam greves.

No plano educacional há destaque para os movimentos de educação popular, que surgem na primeira metade da década de 60 com o objetivo mais amplo de tornar a população adulta participante da vida política do país.

O golpe militar de 1964 derrubou João Goulart da presidência, com a intenção de impor ao país um regime autoritário que suplantasse as conquistas obtidas e abolir todo movimento tanto liberal como esquerdista existente.

2. 2 - No Nordeste

Nos anos 60 a Região Nordeste apresentava um quadro de crise social, política e econômica.

Surge^m as ligas camponesas, o Nordeste viveu um processo de intensa luta de classes provocada pela organização dos trabalhadores urbanos, e principalmente, pela organização e politização dos trabalhadores rurais. As mobilizações de lavradores na luta pelo reconhecimento dos sindicatos e na criação das ligas camponesas provocou forte reação por parte dos latifundiários que fizeram uma verdadeira onda de assassinatos, chacinas e perseguições. Os trabalhadores urbanos começaram a participar das mobilizações políticas.

O Nordeste, apresentava, quanto à sua economia, um quadro de crescente perda na participação do produto total do país devido ao crescimento ter se concentrado no Centro-Sul, agravando os desequilíbrios regionais.

Com a seca de 1959, a política federal para a Região Nordeste foi questionada. **E** foi criado em dezembro de 1959, o Orgão que teria o objetivo de trazer novas perspectivas para o Nordeste, a SUDENE.

O descontentamento popular no Nordeste veio do final dos anos 50; em 1956, a oposição ganhou o governo do Rio Grande do Norte, em 1958, o da Bahia e o de Pernambuco. **Em** 1960 a oposição voltou a vencer, para o Rio Grande do Norte; Djalma Maranhão elegeu-se prefeito de Natal; em 1962, Miguel Arraes se elegeu para o governo de Pernambuco. As forças populares conseguiram abrir um espaço maior no Nordeste (Góes: 1980.23).



É nese contexto, que os movimentos de educação popular encontraram respaldo para seu desenvolvimento: surge no Nordeste os movimentos de educação de base, e a igreja católica toma posição pela reforma agrária, e a cultura popular ganha destaque e importância, pois o objetivo era desmitificar os processos de dominação e exploração. (Oliveira. 1977: 98)

A situação do Nordeste preocupava as classes dominantes internas que temiam perder o domínio exercido. A igreja católica tentava freiar o comunismo, e o marxismo, porém sem deixar de criticar o capitalismo. Com o MEB, procurou-se desenvolver um trabalho de conscientização e de sindicalização dos trabalhadores rurais. Porém havia a preocupação do imperialismo norte-americano, que temia a possibilidade de que fosse repetida a experiência cubana. Daí, a criação da Aliança para o Progresso, a atuação da USAID - Nordeste, a cooperação recíproca entre setores das classes dominantes e a CIA com vistas a enfrentar a (revolução iminente), e o envio de tropas para o Rio Grande do Norte por ocasião da deflagração do movimento militar de 1964, tratava-se de assegurar, a todo custo, a manutenção da situação, evitando o surgimento de uma "nova Cuba." (Germano: 1989) p.?

2. 3 - No Rio Grande do Norte

Em 1960, a situação política do Rio Grande do Norte apresentava um quadro ideal para o surgimento de candidaturas populista. O início do processo de industrialização, proporcionado pela criação da SUDENE, não obstante incipiente, já começava a dar sinais de que o projeto hegemônico dos oligarquias rurais até então incontestavelmente dominante começava a ser questionado. (Silva.1982:27).

As forças políticas que disputavam as eleições de 1960 no Rio Grande do Norte apresentavam posições distintas: Dinarte

Dinarte Mariz, representava os interesses da oligarquia, já Aluizio Alves expressava os interesses da industrialização e do progresso - Djalma Maranhão situava-se como nacionalista de esquerda, a favor da reforma agrária e contra o Imperialismo Americano.

Aluizio Alves ao assumir o governo no dia 31 de janeiro de 1961, montou um ambicioso programa e foi buscar financiamento para suas obras na Aliança para o Progresso, aceitando as condições para receber dinheiro norte-americano, a fim de realizar programas de desenvolvimento econômico.

Como a maioria das capitais nordestinas, Natal viveu o drama do desemprego e do sub-emprego, da marginalidade econômica e social de sua população. O prefeito Djalma Maranhão definiu a situação da cidade em sua mensagem de 1962 à Câmara dos Vereadores da seguinte maneira: " Natal cresce (...) apenas horizontalmente sem, indústrias, sem aumento de riqueza social, com uma população ativa consentrada na atividade comercial e de setores de serviços, com renda per cápita das mais reduzidas". (Góes.1980: 21 - 6).

Na época, a educação a nível de 1º grau passou por um verdadeiro colápso. Os índices de alfabetismo eram altos. Natal contava uma população de 154.276 habitantes, segundo o censo de 1960, e tinha mais de trinta mil analfabetos (adultos e crianças) sem escolas .

Enquanto as populações pobres viam diminuir as possibilidades de frequentar a escola, as elites eram premiadas com a criação da Universidade do Rio Grande do Norte: " E os doutores foram sergindo, enquanto o ensino primário ficava relegado para um segundo plano". (Germano. 1982: 100).

Foi neste contexto que surgiu a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, deflagrada em Natal, em 23 de fevereiro de 1961 no bairro das Rocas pelo então prefeito Djalma Maranhão, acompanhado do grupo de trabalho de Educação Popular. Essa campanha tinha como objetivo alfabetizar através da conscientização, e, para isso, utilizou-se o método Paulo Freire, onde há uma preocupação com a realidade concreta e o emprego de uma linguagem compatível com o modo de se expressar dos alunos envolvidos na experiências.

3. - OS MOVIMENTOS DE ALFABETIZAÇÃO E AS CAMPANHAS POPULARES

O início da década de 60 marcou o aparecimento de uma série de movimentos e campanhas que objetivavam uma educação diferente das práticas tradicionais. Essas práticas antigas eram totalmente alienantes, visavam apenas ensinar a ler, escrever e contar, não havendo nenhuma preocupação com a conscientização social e política das massas populares. Esses movimentos de educação popular no nosso País, se constitui numa das formas de mobilizar as massas através de procedimentos de natureza política, social e cultural .

A esquerda marxista antes de 1958 já se preocupava com o problema da educação de adultos. Esta preocupação também atingiu o Partido Comunista do Brasil, no período de 1945 a 1947, quando foram criados os comitês democráticos, que funcionavam nos bairros periféricos das grandes cidades, e a universidade do povo, no Distrito Federal.

Em 1958 foi desenvolvida a campanha Nacional de Eradicação do Analfabetismo, promovida pelo governo federal, a qual foi extinta em 1962, dando lugar ao Plano Nacional de Educação. (Góes, 1980)

No Rio Grande do Norte, foi criado em 1958 um Projeto de educação popular através do rádio, com a orientação da igreja católica.

Os movimentos e campanhas surgidos no período de 1960 a 1964 foram tantos que o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular realizado entre 15 e 21 de setembro de 1963, em Recife contou com a participação de 74 deles. Dentre os principais podemos destacar: MCP, Movimento de Cultura Popular instituído pela prefeitura do Recife em 1960 os CPCs, Centros Populares de Cultura criados pela UNE, União Nacional dos Estudantes em 1961; MEB, Movimento de Educação de Base vinculado à CNBB, Conferência Nacional dos Bis-

pos do Brasil e reconhecido pelo governo federal em março de 1961; A campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler desenvolvida pela prefeitura de Natal a partir do mês de fevereiro de 1961.

Os movimentos e campanhas de alfabetização e cultura surgiram em todo ^o País, porém foi no Nordeste o lugar que eles ganharam mais força. O Nordeste foi o lugar de origem das mais significativas experiências nessa área de educação e cultura, como o MEB, o MCP, a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, as experiências de Paulo Freire e a campanha de Educação Popular, CEPLAR, desenvolvida no Estado da Paraíba, todos tiveram como origem e se desenvolveram no Nordeste do Brasil. (Germano: 1982.) p. ?

3. 1 - O Movimento de Cultura Popular

Os movimentos de cultura popular que, em menor escala que os CPCs, também se multiplicaram pelo País, se originaram no MCP de Recife, criado em maio de 1960, no âmbito da administração do prefeito Miguel Arraes. O movimento nasceu da iniciativa de estudantes universitários, artistas e intelectuais pernambucanos que se aliaram ao esforço da prefeitura na tentativa de acabar com o analfabetismo e melhorar o nível cultural do povo, buscando também aproximar a juventude e a intelectualidade do povo sob a influência de idéias socialistas e cristãs.

O objetivo principal do MCP é conscientizar as massas através da alfabetização e educação de base e incorporar à sociedade milhões de proletários e marginais do Recife. Para tanto o movimento buscou no próprio contato com a massa uma fórmula para a prática educativa ligadas as artes e a cultura do povo onde suas atividades estavam voltadas para a conscientização através da alfabetização e da educação de base. Dai o movimento passou a atuar também através do teatro, da organização de núcleos de cultura popular, do incentivo e divulgação das artes, plásticas e artesanato, do conto, da dança e da música popular, da organização de cine e teleclubes e das galerias de artes popular, além das atividades educativas sistemáticas, destinadas á alfabetização e educação de base. Pretendia-se sintetizar na mesma unidade aquilo que houvesse de mais específico e significativo na cultura do povo valorizando a produção cultural das massas e criando condições para que o povo pudesse produzir e ao mesmo tempo usufruir de sua própria cultura.

O Movimento de cultura popular realizou uma experiência de educação pelo rádio e produziu um livro de autoria de Norma Coelho e Josina Godoy que teve grande repercussão na época. MCP valorizou-se ainda mais, quando situamos nela a gestação e os primeiros experimentos do sistema Paulo Freire.

3.1.1 - A experiência de Paulo Freire

O método do educador pernambucano Paulo Freire surgiu no centro de cultura do MCP Dona Olegarina, em Recife e consistia numa "alfabetização na qual o homem, que não é passivo nem objetivo, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura" (Freire; 1980). *J. ?*

O seu trabalho de conscientização teve início na região mais pobre do país - O Nordeste possuía 15 milhões de analfabetos para 25 milhões de habitantes. Nesse mesmo tempo, a Aliança para o Progresso, patrocinada pelos EUA, começou a se interessar pela experiência que Paulo Freire realizou em Angicos, cidade do Rio Grande do Norte. (Freire: 1980). *J. ?*

Em virtude dos resultados obtidos, quando 300 trabalhadores eram alfabetizados em 45 dias, a opinião pública começou a se impressionar. Daí foi decidido que o método seria aplicado em todo país, com o apoio do governo federal. No período de junho de 1963 a março de 1964, inúmeros cursos de formação de coordenadores foram realizados na maioria das capitais dos estados brasileiros. A meta era alfabetizar de início as zonas urbanas, em seguida, as zonas rurais, formando um contingente de 2 milhões de alunos.

Segundo Paulo Freire, os grupos reacionários viram no seu trabalho o germe da rebelião, ao considerar a sua pedagogia da liberdade, fonte de rebeldia. Confundiram a política com o educador, achando que era subversão a formação da consciência das massas.

No entanto, se não houvesse ocorrido o movimento militar, a continuação da experiência de Paulo Freire teria provocado um choque eleitoral nos setores tradicionais, uma vez que as relações de poder já estavam começando a se modificar com a participação das massas alfabetizadas. Paulo Freire, em abril de 1964, foi preso, cassado e sobreviveu no exílio até 1979, quando regressou ao Brasil.

3. 1 . 2 - O Movimento de Educação de Base

O MEB surgiu em 1961 de um convênio entre a CNBB e o governo federal. Seu alvo se dirigia primeiramente para as regiões Nordeste, Norte, e Centro-Oeste; entretanto em virtude do decreto nº 52.267 do governo federal, o MEB ampliou seu âmbito geográfico de atuação e se desdobrou em novas escolas e "sistemas", afim de atender todas as áreas subdesenvolvidas do país.

Para o MEB, educação e conscientização deveriam caminhar juntas, de modo que a dura realidade social pudesse ser transformada. Tal movimento criou a cartilha "Viver é lutar", com intuito de alfabetizar e ao mesmo tempo levar a uma conscientização, sendo posteriormente acusada de "Cartilha comunista".

O MEB sobreviveu ao golpe de Estado pelo fato de ter sido fixadas as datas - bases de 1961/ 1965 pelo convênio com a União, porém em 1966 " perdeu as suas características de Movimento de Educação Popular e tornou-se uma forma tardia de Educação Fundamental." (Góes . 1980: 53).

3.2 - A Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler

3.2.1 - Surgimento

A campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler surgiu em fevereira de 1961, com base nas reivindicações populares que consideravam como prioridade - de a escola para todos e a erradicação do analfabetismo.

O prefeito Djalma Maranhão havia sido eleito pelo povo em outubro de 1960 e, havia escolhido como meta número um da sua administração a educação e a cultura . A educação encontrava-se numa situação alarmante, onde as populações tinham poucas possibilidades de chegar à escola, pois seu número se reduzia a cada dia e apenas uma elite podia ter acesso garantido a ela. Segundo o censo de 1960 Natal contava uma população de 154. 276 habitantes, sendo mais de trinta mil analfabetos (adultos e crianças) sem escolas.

A princípio Djalma Maranhão procurou repetir a experiências das "escolinhas " postas em prática em sua gestão anterior (1956 - 1959). Na tentativa de ampliar o sistema municipal de ensino, aproveitou a capacidade

ociosa da comunidade através da utilização de salas cedidas sem ônus para a municipalidade. Demonstrada a inoperância dessa ampliação, os comitês nacionalistas passaram a buscar novas soluções, levando em consideração os escassos recursos disponível para tal programa. Assim, em janeiro de 1961, Moacyr de Góes (Secretário Municipal de Educação,) numa reunião com o comitê nacionalista do bairro das Rocas, recolocou a questão: "O povo e o prefeito querem erradicar o analfabetismo; mas, como construir escolas se não há dinheiro? Após mais de duas horas de discussão com 40 ou 50 homens e mulheres, veio uma sugestão do grupo: - Se não tem dinheiro para fazer uma escola de alvenaria , faça de palha, mas faça uma escola!" (Góes, 1989: 23)

O problema foi colocado em discussão no comitê das Rocas e a solução partiu do próprio povo: construir escolas de palha de coqueiro, em terrenos da prefeitura. E assim aconteceu. Esta construção contou com a participação de operários da prefeitura e, diante das dificuldades destes em fazer a cobertura de palha, os pescadores foram chamados para ensiná-los.

No tocante às questões pedagógicas, os teóricos só foram convocados quando a escola já estava matriculando seus alunos. Neste caso a prática se antecipa à teoria. Para dar sustentação à campanha foi criada a coordenação tecno-pedagógica e, o Centro de Formação de Professores. Essa orientação tecno-pedagógica surgiu para dar um padrão de qualidade ao ensino.

E assim, iniciou-se um amplo movimento educacional, não somente surgiu uma nova rede escolar, mas também uma completa organização cultural da cidade do Natal.



3.2.2 - Objetivos

Podemos perceber, como objetivos iniciais da campanha De Pé no Chão se Aprende a Ler, as seguintes intenções:

- Erradicar o analfabetismo de Natal;
- Ensinar a ler, escrever e contar;
- Articular a escola com a comunidade;
- Abrigar alunos sem exigências de fardamentos e

material escolar.

Porém, a partir de 1961, devido a uma divisão ocorrida na JUC Junventude Universitária Católica, surgiu o AP Ação Popular, o qual rompeu com a hierarquia e se integrou à campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, ampliando a proposta já em ação. Assim um grupo de católicos optou pelo socialismo, juntando-se a marxistas e liberais, numa ampla frente democrática, para a formulação e execução de uma política de cultura popular do Rio Grande do Norte. A participação de evangélicos e espíritas era significativa desde o início da campanha.

Mediante a união de todos os segmentos sociais, políticos e religiosos, surgiu uma educação original e exemplar com resultados positivos.

3.2.3 - Caracterização

A campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler foi um movimento popular que renovou a arte de alfabetizar, tendo como principal objetivo uma educação libertadora através da conscientização, na qual utilizava-se o método de Paulo Freire.

A referida campanha caracterizou-se pelos desafios enfrentados e principalmente pela maneira que os solucionou, com as próprias forças dando um caráter original e prático às suas atividades:

O problema do espaço físico foi resolvido com a construção de acampamentos escolares, proposta pelo movimento popular. Os acampamentos escolares eram compostos de galpões que mediam 30m x 8m, feitos de madeira, coberto com palha de coqueiro e com chão de barro batido. Cada acampamento era formado por quatro destes galpões, que por sua vez possuíam quatro classes separadas por quadros murais e de giz. Havia também um galpão em forma circular para a recreação, as festas do bairro e as reuniões de pais e professores. (Cunha, Góes: 1989: 24).

Assim surgia uma escola erguida sem paredes e sem portas inteiramente aberta à comunidade. Em 1962 já se contavam nove acampamentos escolares. O funcionamento se fazia em três turnos, as crianças estudavam durante o dia e os adultos durante a noite.

A qualificação de professores foi uma questão difícil, uma vez que em Natal só havia uma Escola Normal fundada 1914. A solução foi a criação de cursos de emergência para qualificar professores leigos, através de formação intensiva.

Quanto ao material didático, este também foi um grande desafio; no início, De Pé no Chão distribuía cartilhas tradicionais pelas quais as crianças alfabetizavam-se na escola com silabação de palavras que se distanciavam da realidade do aluno, ou seja, o conteúdo do material utilizado não era compatível com a proposta da campanha. Assim em 1961, o material didático utilizado na campanha De Pé no Chão passou a ser produzido pelos próprios pedagogos, através da metodologia conhecida como Unidade de Trabalho. (Góes, Cunha, 1989: 26).

No final de 1962 a orientação pedagógica se transformou no centro de Formação de Professores, o qual era dirigido por Margarida de Jesus e mantinha três tipos de cursos desenvolvidos em três níveis diferentes: a) emergencia - preparação a curto prazo, o cursos e) ou treinamentos com duração de três a quatro meses. b) ginásio normal - duração de quatro anos. c) colégio normal - duração de três anos.

O Centro de Formação de professores coordenava pedagogicamente a campanha de forma democrática, através de discussão e participação de todos. Os cursos de emergência selecionavam os melhores cursos humanos que iriam trabalhar na campanha e este recrutamento era feito com ajuda das organizações populares e as lideranças dos bairros. (Germano).

Os Círculos de Pais e Professores desempenham um importante papel, envolvendo os pais dos alunos nos discussão sobre educação. Nestes também eram colocadas em pauta às necessidades mais urgente da população do bairro, como por exemplo, a questão da água, da energia elétrica etc. A partir das reivindicações, junto buscavam a solução. Além disso os círculos de pais e professores procuravam encontrar mecanismos para resolver o problema da evasão. Embora esta não fosse elevada, eram feitos levantamentos e perquisas para se descobrir as razões que levavam os alunos a agir desta forma.

No tocante ao rendimento, este crescia a cada dia, o que nos leva a crer que era consequência da organização da campanha que adotara uma metodologia diferente, onde as escola tinha muito a ver com o aluno e com sua realidade.

A campanha De Pé no chão Também se Aprende a Ler também foi de fundamental importancia na organização cultural da cidade, através das bibliotecas, das praças de cultura, do teatro do povo, da Galeria de Artes, dos circulos de leitura, dos

programas de rádio, dos encontros culturais, do estímulo às danças folclóricas etc.

A Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler dedobrou-se em uma série de projetos que sinalizaram etapas, que foram as seguintes:

1ª) As escolhinhas surgiram na primeira administração do prefeito Djalma Maranhão (1956-1959) que em sua segunda administração, iniciada em 1961, retomou a experiência educacional preparando um professorado leigo de 250 monitores, num curso de emergência de três meses. As escolhinhas eram custeadas pela comunidade: igrejas, sindicatos, cinemas, teatros, cooperativas, clubes de futebol, folclore etc. Os custos assumidos pela prefeitura se restringiam a um pequeno pro-labore a um monitor; material didático doado aos alunos, carteiras fabricadas na carpintaria municipal e utensílios para servir a merenda. (Góes, Cunha 1989:23)

2ª) O Acampamento Escolar, proposta do Comitê Nacionalista das Rocas, deu origem ao nome da campanha de ensino municipal para a erradicação do analfabetismo, quando o jornalista Expedito Silva, escreveu " agora em Natal, até de pé no chão se aprende a ler..." ao tomar conhecimento da expressão, Djalma Maranhão considerou-a ideal para a campanha devido ao significado: " ter os pés no chão significa conhecer a realidade e a dimensão do seu desafio". (Góes, 1980: 68)

3ª) O ensino mútuo ou escolhinhas à domicílio surgiram da reação de alguns adultos em não comparecerem à escola para a alfabetização. Assim os estudantes secundaristas alfabetizavam esses adultos nas próprias residências destes, em pequenos grupos. Em 1962, 22 núcleos prestavam esses serviços sob a supervisão de Antonio Campos Silva, então concluinte da faculdade de filosofia de Natal.

4*) As Praças de Cultura compreendiam parque infantil, biblioteca, quadra de esportes e jornal mural. O principal exemplo desse tipo de praça, se deu com a praça principal da cidade (a praça André de Albuquerque) que foi convertida em praça de cultura integrada de concha acústica, biblioteca, discoteca e galeria de arte.

5*) O Centro de Formação de Professores foi uma etapa preparatória à superação da fase de emergência. Funcionou em três níveis; cursos de emergência, treinando monitores para a campanha em três meses; curso normal de grau ginagial, em quatro anos; curso normal de grau colegial, em mais de três anos de escolaridade com Escola de Demonstração. Funcionava num prédio construído em alvenaria e instalado em moldes acadêmicos. O CFP foi importante na campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler , pois possibilitou o treinamento e reciclagem do corpo docente e assegurou o rendimento da aprendizagem da área discente.

6*) A campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a" uma profissão. Representou a educação para o trabalho, no sentido de melhorar as condições de vida e de serviços de Natal. Os cursos funcionavam em um dos galpões dos acampamentos, em 1963 já estava em funcionamento 17 cursos distribuídos através de Acampamentos , nos seguintes bairros, Rocas, Carrasco, Nova Descoberta, Nordeste e Quintas. Eis alguns dos cursos ministrados: corte e custura, enfermagem de urgência, sapataria, mascenaria, datilografia, corte de cabelo, encadernação, artezanato etc.

7*) A interiorização da campanha ocorreu através de convênios de assessoramento tecno-pedagógico, com sete prefeituras do interior do Rio Grande do Norte em 1963. E em Janeiro de 1964 . Previa-se 40 convênios, com o lançamento da Frente de Educação Popular do Rio Grande do Norte.

8*) A escola brasileira com dinheiro brasileiro. Esse lema evidenciava uma crítica ao programa educacional desenvolvido pelo governo do Estado com recursos norte-americanos da Aliança para Progresso. Esta fase foi marcada pela construção de 20 escolinhas de alvenaria, custeada pelo MEC através do Ministro Paulo de Tarso. Estas escolinha acrescentavam -se aos acampamentos, que continuavam funcionando.

3.2.4 -Término

A realização de vários seminários de estudos de problemas: de educação e cultura do município de Natal e principalmente do I Congresso de Cultura Popular de Natal evidenciava que a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler estava no caminho do seu amadurecimento cultural.

Partindo da Secretaria de Educação, o I Congresso de Cultura Popular teve a força de mobilizar toda a administração municipal e contou, ainda com intelectuais do Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Sul e Paraíba. Com o congresso, a administração abria um novo espaço físico para a discussão da política: o Fórum de Debates Djalma Maranhão, instalado em salas localizadas no grande ponto, a área mais central da cidade.

"Este congresso de cultura popular de Natal significou o desdobramento natural da época de politização intensa da sociedade civil brasileira e da consolidação da campanha na área de educação de adulto".(Góes, 1980:)

Porém, todas as tentativas no sentido de melhorar o nível cultural do povo, e de expandir a campanha, foram duramente reprimidas e destruídas em decorrência do golpe militar .

Consumado o golpe de Estado em 31 de março 1964, o governador Aluísio Alves procedeu imediatamente à instauração do Inquérito Policial-Militar (IPM) visando detectar a extensão do movimento subversivo, para esse fim foram convidados os bacharéis de Pernambuco, Carlos Vera e José Domingos, am-

de Segurança?

bas da Secretaria Pública do vizinho Estado. Dentre os vários inquéritos existente na época este foi o mais abrangente. Veras condizia os inquéritos nos meios sindicais estudantis, intelectuais e na prefeitura de Natal, enquanto Domingos conduzia os trabalhos com vistas a apurar a "subversão" no campo da Rede Ferroviária.

Em oito dias a situação política da cidade estava inteiramente modificada: o prefeito e o vice foram depostos; os sindicatos operários foram ocupados pelo Exército; foram escolhidos os novos prefeito e vice; começaram as intervenções nos sindicatos e nos diretórios estudantis e as repressões e prisões.

O prefeito Djalma Maranhão foi preso na tarde do dia 2 de abril, sendo depois transferido para a ilha de Fernando de Noronha e posteriormente para Recife, ainda em 1964, através de um habeas-corpus, foi libertado e exilou-se no Uruguai, onde veio a falecer no dia 30 de junho de 1971.

Lideranças políticas camponesas, estudantis foram presas, além de muitas outras pessoas, principalmente aquelas que de alguma forma participaram da campanha.

Conclusão

A campanha De Pé no Chão. Também se Aprende a Ler procurou levar o homem norte-rio-grandense a uma conscientização plena da sua cidadania. Para isso, o momento norte-rio-grandense facilitou a assensão do prefeito Djalma Maranhão que, comprometido com a causa da classe menos favorecida financeiramente, assumiu a responsabilidade, em conjunto com a população da cidade do Natal, ^{de} erradicar o analfabetismo existente.

O prefeito Djalma Maranhão e o povo natalense, numa ação conjunta, criaram e desenvolveram uma educação original, de baixo custo financeiro, que resultou na transformação da cidade do Natal, tornando-a um palco de educação e cultura, onde todos tinham acesso a escola.

Mesmo havendo comprometimento por parte de alguns governantes, surgem entraves e dificuldades em todos os campos. E o importante nisso tudo é que sempre todas as dificuldades eram superadas, por exemplo: se não havia dinheiro para construir escolas de alvenaria, foram construídos acampamentos de barro batido com cobertura de palha de coqueiro; já que os professores eram leigos, foi criado um curso de emergência para a qualificação destes.

Em sua vida curta a campanha tomou proporções amplas, com um total engajamento da população. A campanha estava cumprindo com a sua proposta de erradicar o anafabetismo em Natal, abolindo o convencional das escolas existente, mediante a adoção de novas práticas de ensino, utilizando

do um método de ensino baseado na experiência de Paulo Freire, uma estrutura física condizente com a realidade econômica do aluno e a despadronização dos uniformes. Uma educação que desperta no homem o seu papel de agente transformador da história, pois o leva à prática da conscientização.

A eficácia destas novas práticas de ensino evidenciou-se na medida em que foi notificado o grande número de alunos matriculados que a cada dia só aumentava.

A campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler representou um marco na história do Rio Grande do Norte. Esta campanha ultrapassou o sistema de escola como aparelho ideológico do poder e conseguiu instrumentalizar uma educação voltada para o povo.



Bibliografia

- 1 - CARONE, 1980: 149
- CARONE, Edigard. Quarta República (1945 - 1964). São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel, 1980
- 2 - CUNHA, GÓES; 1989: 23
- CUNHA, Luiz Antonio, GÓES, Moacyr. O golpe na educação 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- 3 - CUNHA, 1975
- CUNHA, Luis Antonio Rodrigues da. Educação e desenvolvimento social no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- 4 - FREIRE, 1980.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- 5 - GERMANO, 1982: 100.
- GERMANO, José wellington. Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão. 2ed. São Paulo: Cortez, 1982.
- 6 - MARANHÃO, 1985
- MARANHÃO, Marcos. Djalma Maranhão: pensamento político discursos parlamentares. Natal: CERN 1985.
- 7 - PAIVA, 1973.
- PAIVA, Vanilda. Educação Popular e educação de adulto contribuição à história da educação brasileira. São Paulo: Loyola, 1973

- 8 - RIBEIRO, 1988. RIBEIRO, Maria Luiza Santos. História da educação brasileira: a organização escolar. 8ed. São Paulo: Cortez 1988.
- 9 - SKIDMORE, 1976: (159) ? SKIDMORE, Thomas e. Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964). 5ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 1976.
- 10 - SILVA, 1982: (27) ? SILVA, Justina de A. Estudantes e política: estudo de um movimento (RN 1960- 1969). São Paulo: Cortez 1989.
- 11 - LOPEZ, 1990 LOPEZ, Luiz Roberto. História do Brasil Contemporânea. 5ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990
- 12 - MOCELIN, 1987 MOCELIN, Renato. A história Crítica da nação brasileira. São Paulo: Editora do Brasil, 1987.
- 13 - GÓES, 1980, (23) ? GÓES, Moacyr de. De pé no Chão também se Aprende a Ler (1961 - 1964): uma escola democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.